

Vivência comunitária católica e crescimento pessoal

Henri Karam Amorim
Mauro Martins AmatuZZi

*Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, SP, Brasil*

RESUMO

A pesquisa objetivou compreender os sentidos da experiência de fé vivida em uma comunidade católica como crescimento pessoal daqueles que dela participam. Em vista disso, foi proposto, em uma paróquia católica, a realização de um grupo de partilha de experiências comunitárias. Foram nove participantes, todos comprometidos com o trabalho voluntário; cinco encontros, com duração média de duas horas cada, numa periodicidade quinzenal. Após cada encontro foram redigidas narrativas registrando os momentos mais significativos do grupo. Deste conjunto de narrativas foi elaborada uma análise qualitativo-fenomenológica, reunindo por eixos de significados tudo o que foi vivido pelos participantes. Concluiu-se que a vivência da fé cristã num contexto comunitário católico é promotora de crescimento pessoal, embora tal crescimento nem sempre esteja garantido pelo simples fato de participar da comunidade, uma vez que ela é também sentida e percebida como um espaço de contradições.

Palavras-chave: Comunidade católica; desenvolvimento pessoal; estudo qualitativo-fenomenológico.

ABSTRACT

Community catholic experience and personal growth

The research's goal was understand the meaning of faith experiences lived in a catholic community as a personal growth of those who are members. Considering this situation, a proposal was made, to a catholic congregation, that they form a group to share their experiences with others from the community. There were nine participants, all compromised with the volunteer job; five reunions, approximately two hours long each, every 15 days. After each reunion a narrative was composed registering the most significant moments of the group. From all of the narratives, a qualitative-phenomenological analysis was made, gathering by meaning everything that the participants lived. The conclusion was that the experience of Christian faith in a context of a Catholic community provides personal growth, although this growth is not always granted by the simple fact of participating in the community, once it's also sensed and noticed as a contradiction space.

Keywords: Catholic community; personal growth; qualitative-phenomenological study.

RESUMEN

Vivencia comunitaria catolica y crecimiento personal

El Objetivo de la investigación fue comprender la experiencia de fé vivida en una comunidad católica como crecimiento personal de los participantes de la misma. Fue propuesto, en una parroquia católica, la formación de un grupo que comparta sus experiencias comunitarias. Fueron nueve participantes, todos voluntarios; cinco encuentros quincenales con duración de dos horas cada uno. Después de cada encuentro fueron realizadas puestas en común, de forma narrativa, registrando los momentos más relevantes del grupo. De estos comentarios fue elaborado un análisis cualitativo-fenomenológico, separados por grupos de significados de lo que fue vivenciado. Podemos concluir que la vivencia de fé cristiana en un contexto comunitario católico es motivo del crecimiento personal, a pesar que tal crecimiento no sea garantizado por el hecho de participar de una comunidad, una vez que ella también es entendida como un espacio de contradicciones.

Palabras clave: Comunidad católica; desarrollo personal; estudio cualitativo- fenomenológico.

INTRODUÇÃO

De acordo com Kung (2004) a comunidade católica é compreendida, fundamentalmente, como um grupo de pessoas que se organiza socialmente para elaborar e sustentar suas crenças e sentimentos religiosos através de uma prática comum de oração, ritos religiosos e ações diversas, tendo na pessoa de Jesus Cristo e nos valores por ele pregados (amor, justiça, perdão, ética, fraternidade e solidariedade) uma fonte de inspiração de uma autêntica vida comunitária cristã. A partir deste referencial, a vivência comunitária católica é compreendida aqui como uma experiência comunitária de fé religiosa cristã feita dentro de uma paróquia católica. O que se pretende examinar aqui é como essa vivência pode ser um caminho possível de crescimento daqueles que dela participam. Três grandes realidades dão sustentabilidade, identidade e motivação a uma comunidade católica: sacramento, ação pastoral e ação social. Por sacramento entendem-se as ações litúrgicas (culto) vivenciadas pelo conjunto da comunidade, em um lugar determinado, através de ritos específicos, contendo simbologias apropriadas, possibilitando uma experiência essencialmente religiosa aos cristãos. Por ação pastoral entendem-se os grupos organizados com a finalidade de prestar serviços religiosos específicos aos seus membros, conscientizando-os, formando-os e preparando-os para uma maior integração na vida comunitária. Por ação social entende-se qualquer atividade que traga algum benefício para a sociedade local: apoio, criação e execução de projetos de artesanato, educação, cestas básicas, capoeira, idosos, doentes, crianças, desempregados etc.

A compreensão de crescimento pessoal está baseada em Viktor Emil Frankl (1905-1997), psiquiatra e neurologista austríaco, fundador da Logoterapia. Desta forma torna-se necessária a definição de alguns conceitos importantes para compreender sua perspectiva em relação ao tema desta pesquisa. Para tal é fundamental e útil fazer uma distinção entre as dimensões espiritual e religiosa da experiência humana.

A dimensão espiritual (ou noética) é compreendida a partir de uma teoria motivacional, pela qual o ser humano é visto como uma pessoa que se move e é motivada por uma tensão positiva entre aquilo que se é e o que se deveria ser. Este “idealismo” é entendido como busca ou sede de sentido, que além de ter um alto valor de sobrevivência e de estar em estreita relação com a percepção da realidade, é acessível a qualquer indivíduo. Para Frankl (2003), o sentido é a silhueta que se recorta contra o fundo da realidade. É uma possibilidade que se destaca luminosamente, e é também uma necessidade. É aquilo que é preciso

fazer em cada situação concreta; e esta possibilidade de sentido é sempre, como a própria situação, única e irrepitível (Frankl, 2003, p. 28).

O sentido não é algo que pode ser dado, mas encontrado, captando-o em cada uma das situações com as quais nos defrontamos. Curiosamente, ao constatar que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo, o autor diz que o sentido é encontrado não dentro da pessoa que o busca, mas fora dela, no mundo, devido à condição de autotranscendência do existir humano. Por isso ele fala de três fontes de sentido: a criação, o amor e a aceitação. A criação consiste em fazer um trabalho ou praticar um ato; o amor consiste em experimentar algo da natureza, da cultura ou encontrar alguém, amando; a aceitação consiste numa atitude livre e positiva tomada em relação ao sofrimento inevitável, transformando uma tragédia pessoal em triunfo: “Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante que encontra um sentido” (Frankl, 2008, p. 137). Como se observa, a dimensão espiritual ou noética apresenta-se, portanto, como uma dimensão não determinista mas determinante da existência humana.

Quanto à dimensão religiosa, esta só é compreendida no dinamismo próprio da dimensão noética ou espiritual comentada. Para Frankl, a religiosidade se afirma pelo seu caráter de decisão. Ao decidir pela fé religiosa, o ser humano estará não só assumindo uma das possibilidades de pensamento, mas concretizando tal possibilidade. Neste sentido, ou ela é existencial ou não é nada (Frankl, 2007, p. 61).

Dada a condição de autotranscendência do existir humano, a fé religiosa se apresenta não só como expressão de uma vontade de sentido, mas da vontade de um sentido último ou suprassentido, cujo correspondente é um Ser último, ou seja, Deus. A relação com o Ser último só pode ser estabelecida pelo sujeito no âmbito da experiência, dentro de uma estrutura dialógica, portanto, como um diálogo no qual o transcendente-Deus é considerado como um “Tu.” Ao ser humano que aceita de forma consciente, responsável e livre esta possibilidade, Frankl denomina “homo religioso”. O homem irreligioso torna-se aquela pessoa que optou por não dar este último passo, o da experiência religiosa, decidindo-se por não perguntar por algo além da própria consciência (Frankl, 2007). Sob esta perspectiva, a partir de sua dimensão noética ou espiritual, a experiência religiosa é vista como possibilitadora de um sentido na vida do ser humano, permitindo-lhe ser conduzido por um Tu absoluto, que é experimentado na dinâmica da própria consciência.

Em consonância com as ideias de Viktor Frankl, crescimento pessoal será entendido aqui como um

movimento da pessoa em direção a uma autotranscendência: movimento complexo, dinâmico e interativo, que envolve sentimento, razão e fé religiosa, possibilitando uma ampliação dos horizontes da consciência da pessoa (sentido de vida), gerando ações e atitudes positivas, criativas e consistentes na transformação da sua vida em todas as dimensões.

Entendido assim, o presente trabalho objetivou compreender, a partir da realização de um grupo de partilha, os sentidos da vivência comunitária de fé enquanto relacionados com o crescimento pessoal daqueles que dela participam.

MÉTODO

Esta pesquisa é de base qualitativa e fenomenológica. Pesquisa qualitativa, porque não pretendeu buscar relações de causa e efeito nem medir e quantificar os fenômenos, mas considerou descritivamente a complexidade do fenômeno. Além disso, reconheceu e levou em conta, na análise, as várias possibilidades de interpretação acerca do objeto de pesquisa, valorizando o conhecimento e a prática dos participantes. Ela focou na análise de casos concretos, a partir de expressões e atividades dos sujeitos, situados em contextos precisos e específicos. E ainda: utilizou abordagens teóricas coerentes com o problema de pesquisa, dando fundamento às discussões e procedimentos de pesquisa. Esta pesquisa valorizou também a subjetividade do pesquisador como parte necessária do processo da produção do conhecimento científico (Flick, 2004, pp. 20-22; 28).

Por pesquisa fenomenológica, entende-se “o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. Em suma, é a pesquisa que lida com o significado da vivência” (Amatuzzi, 1996, p. 5). Neste sentido, este trabalho explorou o mundo vivido dos sujeitos, participantes e pesquisador, e os sentidos por eles produzidos na interação grupal.

Participantes

Os participantes deste estudo foram escolhidos por indicação de algumas lideranças comunitárias que fazem parte do Conselho da Paróquia ao qual foi proposta a realização de um grupo de partilha. O grupo foi composto por oito mulheres e um homem, todos casados e com ensino fundamental ou médio. A faixa etária varia entre 30 a 60 anos e as profissões são diversas: trabalhadores do comércio, indústria, serviço público, serviços gerais e donas de casa. Os critérios norteadores da escolha dos participantes, além

do trabalho voluntário que realizam atualmente, foram: a disponibilidade para participar dos encontros e o interesse em conversar sobre o assunto proposto.

O Grupo de Partilha (GP)

O GP é compreendido nesta pesquisa como uma prática grupal destinada às pessoas que queiram ampliar suas perspectivas de crescimento pessoal a partir da consideração de suas experiências de vida. Ele foi um grupo temático, isto é, um grupo focado não em qualquer assunto, mas num específico: a fé vivida em um contexto comunitário católico e as experiências de alguma forma associadas a ela. O GP teve três momentos principais, a saber:

- primeiro momento: cada membro do grupo deve contar uma experiência significativa acontecida na comunidade, na qual se sentiu envolvido;
- segundo momento: os membros do grupo elegem uma das experiências relatadas que mais chamou atenção de todos ou elegem um tema comum que perpassa as experiências narradas e contam outras histórias relacionadas à escolha, dizendo como lidou com a situação pessoalmente.
- terceiro momento: cada participante deve dizer o que significou o encontro do qual participou e que lições leva para a vida pessoal e comunitária.

Procedimento

Após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa, foi proposta, em uma paróquia católica da região de Campinas, a realização de um GP. Devidamente autorizado pelo responsável da instituição eclesial, os sujeitos foram convidados pessoalmente pelo pesquisador a participar do grupo de pesquisa. Foram então dadas as informações básicas: objetivo do trabalho, participação voluntária e necessidade de consentimento para publicação dos dados com a assinatura de um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. O grupo foi conduzido pelo próprio pesquisador, psicólogo, que exerceu o papel de facilitador.

Depois de cada encontro grupal, usando como instrumento um gravador, foi feita uma narrativa. Por narrativa compreende-se uma forma de relato escrito que possibilita destacar os momentos mais significativos do grupo bem como o seu movimento como um todo. A narrativa permite e exige ainda a participação e manifestação da subjetividade do pesquisador no ato de escrever, de tal modo que a partir daí se torna possível acompanhar as experiências de todos (participantes e pesquisador).

Diante do conjunto de narrativas foi realizada uma análise qualitativo-fenomenológica, em que se reuniu por eixos de significado o que foi vivenciado no grupo,

tendo-se relacionado estes eixos de modo a se chegar a uma compreensão sobre a vivência comunitária da fé naquilo em que ela se relaciona com crescimento pessoal.

O grupo contou com um total de cinco encontros, com uma duração média de duas horas cada e com periodicidade quinzenal. Quanto ao local, os participantes da pesquisa sugeriram realizar os encontros em suas próprias casas, ambiente que consideraram como mais acolhedor para o momento de partilha, com acomodação satisfatória para todos.

RESULTADOS

À luz da pesquisa, as narrativas apontam para duas possibilidades. Se na primeira a comunidade é experienciada como um espaço que favorece o crescimento pessoal daqueles que dela participam, na segunda possibilidade ela é percebida e sentida como um espaço de contradições que nem sempre favorece o crescimento de seus membros.

A comunidade como promotora de crescimento pessoal

Pode-se, neste ponto, observar vários aspectos relacionáveis entre si, que demonstram o quanto e como a vivência na comunidade católica é promotora de crescimento dos indivíduos que dela fazem parte.

Um primeiro aspecto está relacionado à família. Ao narrarem suas histórias, vários participantes do grupo afirmam que a comunidade católica os ajuda a viver melhor sua vida familiar, dando assim suporte para um relacionamento mais qualificado com os seus. Nesta perspectiva, um dos membros do GP diz que a motivação inicial para participar da comunidade era o trabalho social que a própria comunidade realizava através da pastoral social e que aos poucos foi percebendo que isto lhe fazia bem, pois lhe ajudava a conviver melhor com seus próprios familiares. Afirma:

“... Eu comecei a trabalhar, assim, de voluntária na comunidade, na pastoral social que tinha, né?... Então com aquilo eu fui amadurecendo, mas pra minha vida pessoal mesmo, como mãe, como mulher... pra minha vivência na minha família...”

Um segundo aspecto diz respeito ao convívio social. Alguns participantes revelam que a comunidade católica constitui para eles um ambiente que favorece ir além do círculo familiar, possibilitando a construção de novos relacionamentos e novas amizades, considerados essenciais para o seu bem-estar pessoal. Como exemplo, diz umas das participantes:

“... Cada um cresce de uma forma... a gente cresceu pela dor, mas, assim, o que deixou de bom, né, foi assim o amor que a gente viu que as pessoas tinham pela gente, que a comunidade tinha pela gente, né, todo mundo nos amparou e depois de tudo aquilo a gente viu, assim, que realmente aquelas pessoas que estavam do nosso lado eram pessoas que realmente gostavam da gente, né, e que estão até hoje junto com a gente...”

Um terceiro aspecto se refere à fé religiosa, que se apresenta como um elemento motivador e essencial para frequentar, trabalhar e perseverar na caminhada comunitária. Ilustra uma participante:

“... viver é difícil, é um desafio, é matar um leão todos os dias, mas a gente nem vê que matou um leão, porque você tem esse discernimento, essa fé, essa vivência, né?...”

Um quarto aspecto tem a ver com a valorização da comunidade enquanto espaço importante para o crescimento pessoal de seus membros. Neste sentido, a comunidade surge na consciência como um lugar necessário na medida em que possibilita um sentimento de completude, uma aprendizagem, um fortalecimento e uma participação ativa. Traduz-se também como um lugar de ajuda mútua, um lugar de acolhida do outro que chega, um lugar que favorece a mudança de vida, um lugar de apoio para as dificuldades e um lugar de expressão de sentimentos bons entre as pessoas. Dos muitos depoimentos, dois deles são significativos para ilustrar este aspecto. Uma das participantes, sem negar os problemas que percebe dentro da comunidade, diz sobre o valor e importância da comunidade em sua vida: “... A gente sente falta da comunidade, mesmo sabendo que ela é difícil, pois tem atrito com um, com outro, mas quando você não vai, você sente falta, falta alguma coisa dentro de você...”. Uma outra participante fala sobre a aprendizagem que a comunidade lhe proporciona: “... se fosse pra mim viver longe da igreja hoje, acho que eu não saberia. Longe da igreja, assim que eu digo, da comunidade, das pessoas, né, porque, nossa, a gente aprende demais...”.

Um quinto aspecto está ligado à existência de pequenos grupos. Estes se tornam espaços de verdadeira partilha de vida enquanto possibilitadores de expressão de sentimentos e ideias, ação solidária, fortalecimentos de vínculos e amizades etc. Talvez a comunidade maior só se sustente pela existência dos pequenos grupos dentro dela, facilitando a convivência e a comunicação, evitando a massificação, proporcionando proximidade entre as pessoas, valorizando assim a subjetividade de

cada um. Esta questão é validada por vários membros do GP, que dão exemplos concretos. Uma das participantes assim falou de sua experiência dentro de um “círculo bíblico”, espaço que busca articular fé e vida, que ela coordenava e que acontecia semanalmente nas casas do seu bairro:

“... Então, todas as alegrias a gente celebrava, todas as tristezas a gente celebrava ali, a gente punha em oração... o que dava pra gente resolver a gente resolvia, e muitas vezes as tristezas era só ouvir mesmo, ter ouvidos pra ouvir... Então aquilo criou um laço muito forte até hoje... Eu me lembro que nesta época algumas coisas aconteceram na minha vida e eu estava lá também dentro do grupo e, então, me segurei lá... Isso até hoje, eu digo, que foi a maior experiência, como cristã, que eu vivi dentro da minha comunidade...”

Um sexto aspecto está relacionado às experiências vividas fora da própria comunidade. Tais experiências demonstram o quanto são importantes para o crescimento de seus membros, uma vez que ampliam o nível de compreensão acerca do mundo, gerando novos recursos interiores para se moverem com mais autonomia na realidade. As mencionadas experiências podem favorecer um compromisso maior na própria comunidade, uma reflexão sobre realidades diferentes e uma postura ética no mundo. Como exemplo, diz uma participante ao sentir-se motivada e decidida a se abrir mais para a sua comunidade a partir de uma palestra proferida por uma pessoa de outra comunidade:

“... Falei: ‘meu Deus, esta mulher está aqui, olha quantos casais estão tocando com a palavra. Puxa, que bonito, né, por que que eu também não posso fazer isso?... Vou começar a me abrir mais para as pessoas da minha comunidade’...”

A comunidade como espaço de contradições

Pode-se observar, nos relatos coletados, alguns elementos que se entrelaçam e que demonstram como a comunidade católica não é, necessariamente, garantia de crescimento pessoal de seus membros, pois ela pode ser promotora de vivências pouco ou nada coerentes com os valores que prega: “... A gente sabe que tem gente na igreja que fala e não faz...”

Neste sentido, a comunidade pode tornar-se:

a) Um espaço de contradições, na medida em que co-existe nela o preconceito, o individualismo e a falta de acolhida.

Em relação ao preconceito, ideias preconcebidas são muitas vezes alimentadas dentro da prática comunitária católica, contribuindo para que as pessoas se sintam julgadas e excluídas por outros membros da própria comunidade. Neste sentido, uma das participantes conta que sentiu na pele o peso do preconceito, em duas situações concretas. A primeira, quando tornou-se público o fato de que ela, muito tempo após divorciada de um marido violento, com o qual já tinha um filho, decidiu casar-se com um dos jovens da própria comunidade, mais novo do que ela, com quem vive até hoje. A segunda situação, quando ela e o atual marido foram convidados, pelo padre, a assumir a coordenação geral da comunidade. Neste último caso, confessa a participante, o preconceito foi bem maior, pois vinha acompanhado do sentimento de desprezo, sobretudo por partes das pessoas mais antigas da comunidade e de pessoas até então consideradas amigas.

Sobre o individualismo, uma participante relata sua decepção provocada pela incoerência de alguns líderes da comunidade:

“... eu sofro demais na comunidade, porque às vezes a gente vê coisas, a gente percebe situações de pessoas que levam aquilo como um status, né, e isso me dói, isso me magoa... tudo o que nós vamos fazer, tudo o que nós imaginamos, tudo o que nós pensamos, barra em coisas bobas, sabe, em pensamento de um ou de outro...”

Quanto à falta de acolhida, se por um lado a acolhida é fundamental para iniciar a caminhada dentro de uma comunidade católica, por outro lado a falta dela pode ser desmotivante para muitos. Um dos participantes narra sua visão a partir do que observa em sua comunidade:

“... a gente tem que acolher a pessoa como ela é... muitas coisas que se falam, afasta, assim como muitas coisas que se falam, acolhe, né, te encorajam, né?... A gente tem que tomar cuidado, porque muita coisa afasta. É uma palavra dita em hora errada, é uma palavra dita sem precisão, sem necessidade, pode afastar as pessoas da igreja”

b) um espaço de conflitos, na medida em que não existem condições para expressar livremente o pensamento e existe crítica destrutiva entre os membros da comunidade. Ilustra uma participante ao lastimar a sua decepção com a comunidade por não poder expressar com liberdade o seu ponto de vista sobre sua própria comunidade:

“... muitas vezes não posso falar e que quando falo [no conselho] eu sou vista como a polêmica, quando eu abro a boca só falto apanhar... Às vezes você vai contra pensamento que é do grupo e que você acha que não é certo, né, talvez pode até ser, mas se você vai colocar, nossa... você é vista como realmente a pessoa que chega pra falar e que não precisava ter falado... falta espaço para se explicar, para você dizer o que pensa... as pessoas são dominadas nas ideias... Eu falei tudo o que queria falar, desabafei mesmo, mas tive que forçar um espaço... Acho que na comunidade isso tem que ser algo espontâneo, né, como numa família...”

Sobre as críticas, uma participante relata o quanto as críticas que recebe na comunidade a fazem sofrer, atingindo inclusive a sua saúde física:

“... É duro, né, porque tenho que escutar tanta coisa das pessoas da comunidade, principalmente quando eu falo não... sinto cobrada demais e isso tá me fazendo mal, tô ficando doente... Então, eu falo pra mim mesma: ‘será que não tá na hora de dar um tempo, de afastar de tudo?’...”

c) um espaço gerador de frustrações, na medida em que não existe reconhecimento do trabalho do outro, o padre não é compreensivo com os membros de sua comunidade e as lideranças leigas nem sempre estão preparadas para o seu papel de coordenar e animar a comunidade.

Sobre a falta de reconhecimento do serviço voluntário do outro na comunidade, uma participante do GP expressa sua decepção quando os membros de sua comunidade não lembram ou não valorizam o esforço e dedicação dela em prol da construção da comunidade, provocando, inclusive, uma desmotivação para a vida comunitária. Afirma:

“... Chega determinada hora que você fala assim: ‘puxa, eu trabalhei tanto, né, hoje tá bonito, hoje tá bom, tá pronto, mas as pessoas parecem que não dão muito valor pelo o que eu fiz’... Então isso, às vezes, assim, eu cresci muito, mas às vezes me incomoda bastante, né, isso me incomoda bastante, principalmente nestes dois últimos anos... eu quero continuar fazendo parte da história da comunidade...”

Quanto ao papel do padre e sua função na comunidade, ele é percebido também como alguém que nem sempre escuta, compreende, anima ou orienta, gerando um descontentamento, fazendo as pessoas se

sentirem sem apoio e desmotivadas na comunidade. Isto pode ser constatado pelo depoimento de uma das participantes do GP que aceitou o convite do padre para coordenar a sua comunidade:

“... Eu chorava... mas eu não desisti. Falei: ‘não, um dia ele vai me entender, vai me entender, porque eu não tenho experiência nenhuma e ele me colocou para coordenar a comunidade’... Sei que a gente tá lá não é por causa do padre, mas por causa de Jesus Cristo mesmo, mas tem que ter um superior pra animar, né? Pra falar, pra orientar, pra parar e escutar, porque tem hora que a gente fica perdida na comunidade...”

No que se refere despreparo das lideranças leigas para assumir os trabalhos à frente da comunidade, uma participante expressa o seu sentimento de desânimo ao falar sobre a falta de exemplo de algumas lideranças comunitárias: *“... Às vezes eu me desanimo muito, né, porque eu vejo pessoas assim em situações que não dão testemunho, sabe, daquilo que já aprendeu, daquilo que a gente vive...”*

DISCUSSÃO

Diante destes resultados, faz-se necessária uma reflexão mais elaborada, buscando luzes para a compreensão da realidade que se investiga. Considerando o problema de pesquisa, o desafio que se impõe nesta etapa é buscar os elementos unificadores (eixos de significados) que dão consistência ao conjunto de dados colhidos e sintetizados acima. Para melhor se compreender os sentidos da vivência comunitária de fé na sua intersecção com o crescimento pessoal, é importante construir algumas perspectivas possíveis na comunidade católica, possibilitadoras ou não do desenvolvimento de seus membros.

Uma primeira perspectiva evidente é a fé religiosa enquanto elemento estruturante da própria vivência comunitária católica. Não obstante existam muitas outras realidades importantes que envolvem a vida de uma comunidade católica, a fé mostra-se básica para que ela se caracterize como tal, dando-a uma identidade própria, diferenciando-a assim de outros grupos humanos. Neste sentido, Libânio (2004) explicita e explica os vários tipos possíveis de fé: humana, religiosa, teológica, cristã e eclesial. De todas estas, a fé eclesial torna-se a mais característica de uma comunidade católica ao destacar a dimensão comunitária como algo constitutivo da fé cristã.

Uma segunda perspectiva que se destaca dentro da comunidade católica é a força das lideranças presentes

nela, sejam elas leigas ou padres. Todos possuem um papel social de destaque, na medida que são vistos como pessoas capacitadas dentro da comunidade maior e em seus microgrupos comunitários. Neste sentido todos têm um papel fundamental no desenvolvimento de uma comunidade católica, podendo ajudá-la ou prejudicá-la em seu desenvolvimento humano e/ou religioso/espiritual. Diante dos dados analisados, sobretudo no que se refere às contradições internas da comunidade, produzidos geralmente pelas lideranças e entre elas, seria primordial capacitar as próprias lideranças, a fim de ajudá-las a ajudar os demais membros da própria comunidade. Certamente uma formação se faz necessária. Que tipo de formação seria? Talvez aquela que proporcione às lideranças uma atitude de constante e verdadeira escuta, pois isso as faz entrar na perspectiva do outro, criando um clima de confiança, respeito e diálogo permanente, condição essencial para o desenvolvimento da própria comunidade e de seus membros (Rogers, 2001). Tal formação, motivada pela fé, mas desenvolvendo uma habilidade psicológica, pode contribuir com as lideranças, qualificando-as para um desempenho mais consciente e eficaz da sua função de coordenar e animar a todos. A partir disso, o desafio permanente que se impõe é a construção, pela própria comunidade, de um projeto de formação que priorize este aspecto sobre os demais, garantindo assim as condições para o crescimento pessoal de suas lideranças.

Uma terceira perspectiva que se revela possível são os vários âmbitos da vida pessoal que podem ser atingidos a partir da vivência da fé dentro de uma comunidade. Em outras palavras, ainda que a comunidade de fé seja vista como um lugar que possibilita o crescimento pessoal, este crescimento não ocorre apenas no aspecto interno e, menos ainda, no aspecto estritamente religioso/espiritual, mas tem um alcance mais amplo, influenciando a vida dos indivíduos como um todo, dando suporte para relacionamentos interpessoais em vários contextos. Viver comunitariamente é abrir-se para além da realidade da própria comunidade. A vivência comunitária da fé se torna, portanto, um polo dinamizador de toda a dinâmica vivencial do sujeito, ajudando-o a integrar assim fé e vida (Boff, 2002).

Uma quarta perspectiva, de certa forma sintetizadora e esclarecedora das demais perspectivas já comentadas, é a comunidade entendida como vivência que dá sentido à vida. Pode-se dizer, a partir dos aspectos positivos da comunidade descritos acima, que a comunidade católica investigada parece proporcionar uma experiência capaz de produzir nas pessoas uma percepção e sentimento de completude, satisfazendo assim seus desejos mais profundos de viver e conviver com o outro e, por esta via, com o Outro (Deus). Neste caso a experiência

religiosa é motivada a partir da interioridade da pessoa e não das necessidades básicas do ser humano, afastando-se assim dos instintos de sobrevivência e aproximando-se da busca do sentido (Ávila, 2007). Considerando que para Frankl (2008) as fontes de sentido são a criação, o amor e a aceitação, a vivência comunitária católica pode favorecer o florescimento destes pontos fundamentais na construção do sentido, na medida em que ela incentiva, de várias formas, o trabalho voluntário (criação), a prática altruísta (amor) e uma leitura/ interpretação de fé dos acontecimentos trágicos inevitáveis como a morte, a dor e o sofrimento (aceitação).

Uma quinta perspectiva que se desponta são as limitações pessoais presentes em uma comunidade católica, ou seja, quem busca a comunidade para vivenciar sua fé cristã não está livre de ideias, atitudes e práticas contrárias aos valores religiosos, tais como: o individualismo, o preconceito, a incompreensão e o autoritarismo. Neste sentido, a comunidade se revela não só como lugar do encontro mas também como do desencontro. À primeira vista, isto pode sugerir que a comunidade dificulta o crescimento das pessoas, impedindo-o, inclusive. Por outro lado, num olhar mais aprofundado, vê-se que mesmo em meio às contradições dentro das comunidades, embora alguns cogitem seriamente sair delas por julgá-las insuportáveis, muitos acabam por encontrar nas próprias contradições uma oportunidade para o seu crescimento e superação dos obstáculos. Isso acontece na medida em que o confronto com o outro os faz refletir, tomar consciência e ter atitudes mais construtivas, ainda que às custas de dor e sofrimento. Testemunha uma participante: “... *Ali [na comunidade] você recebe elogios, você recebe críticas, que isso tudo ajuda a gente a crescer, a melhorar, a refletir...*”.

Se as contradições mencionadas são um fato dentro da comunidade de fé (cristã), por outro lado, não são exclusivas dela, mas próprias dos grupos humanos em geral, que apresentam, em menor ou maior grau, valores e contravalores. Incentivar a formação de pequenos grupos certamente é uma maneira eficaz de propiciar aos membros da comunidade, motivados por suas crenças religiosas, a interiorização de valores que produzam sentidos (Duarte, 1994). Dessa forma poderiam aprimorar-se como pessoas, diminuindo a tensão interna dentro da comunidade, provocada pela incoerência entre o comportamento ideal e o real. Os pequenos grupos possibilitam livrar a comunidade da massificação que, em última análise, é um fator poderoso e determinante das contradições internas, pois dificulta a apropriação pessoal e significativa dos valores que norteiam a vivência comunitária. Caberia ao grupo, garantindo as condições psicológicas mínimas para

o seu bom funcionamento, privilegiar mais a partilha de experiências do que o discurso sobre a vida, mais a formação humana do que à doutrinal, num clima mais afetivo do que racional. Tal conduta permitiria, inclusive, alcançar uma abordagem direta e pontual das limitações pessoais presentes na vivência da comunidade – individualismo, preconceito, incompreensão e autoritarismo. Este caminho dos pequenos grupos, como uma perspectiva para toda a comunidade, deve ser visto, no entanto, como algo processual e de longo prazo. Por outro lado, as experiências fora da comunidade também ajudam os membros a confrontar os valores pessoais e comunitários com os valores e práticas vivenciados por outras comunidades e grupos, bem como favorecem um maior comprometimento com a própria comunidade e seus grupos além do desenvolvimento de uma postura ética em outros espaços sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui vale destacar e confirmar que a vivência da fé religiosa cristã num contexto comunitário católico é promotora de crescimento pessoal, embora tal crescimento nem sempre esteja garantido pelo fato de participar da comunidade, uma vez que ela é também sentida e percebida como um espaço de contradições. O crescimento se faz perceber dentro da comunidade, por exemplo, quando as vivências nela possibilitam os seus membros expressarem sua fé religiosa, auxilia-os a viverem melhor a vida familiar e fazerem pontes para outros contextos de vida. Quando ainda a comunidade é facilitadora de novos relacionamentos e amizades e estimula a participação em atividades diversas (festas, pastorais, conselhos etc). O crescimento se observa também na medida em que os seus membros fortalecem e ajudam uns aos outros nos momentos de fragilidade, aprendem algo útil para a vida e acolhem o novo e o diferente em seu meio. A comunidade é igualmente positiva quando ajuda as pessoas a mudarem a orientação de vida, a expressarem sentimentos e facilita a formação de pequenos grupos, além de incentivar e promover a fazerem outras experiências comunitárias fora da própria comunidade etc.

Por outro lado, o crescimento pessoal fica comprometido dentro da comunidade, por exemplo, quando as vivências ocorrem na direção do cerceamento da liberdade de pensar, falar e agir; quando também a comunidade fica indiferente ou conivente com as práticas e atitudes de preconceito, individualismo e críticas pessoais que se manifestam dentro dela. O crescimento ainda fica duvidoso na medida em que não há na comunidade valorização do trabalho voluntário do outro, não formação das lideranças para a função que

exercem e não há também acolhida do outro que chega ou já participa da comunidade etc.

Neste sentido, viver a fé religiosa comunitariamente pode ser expressão de uma realização pessoal, mas também pode constituir um desafio pelas limitações que existem dentro de uma comunidade católica. Neste último caso, as pessoas podem encarar o desafio como algo negativo e acabarem desistindo da comunidade, ou então encará-lo como oportunidade para superar os problemas comunitários, enfrentando-os, e assim crescerem como pessoas e como cristãos. A sensibilidade, consciência e liberdade de cada um vão definir que tipo de atitude tomar face às limitações presentes em uma comunidade, seja ela religiosa ou não. Entendido assim, conclui-se então que embora a comunidade católica ofereça ferramentas que possibilitam o crescimento pessoal, este dependerá dos relacionamentos interpessoais que os indivíduos livremente estabelecem entre si a partir das peculiaridades existentes no contexto de sua comunidade maior e micro grupos.

REFERÊNCIAS

- AmatuZZi, M.M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 5-10.
- Ávila, A. (2007). *Para conhecer a psicologia da religião*. (M.J.R. Nunes & T. Gambi, Trad.). São Paulo: Loyola.
- Boff, L. (2002). *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus.
- Duarte Jr., J.F. (1994). *O que é realidade* (10ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (2ª ed.). (S. Netz, Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Frankl, V.E. (2003). *Sede de sentido* (3ª ed.). (H. Elfes, Trad.). São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V.E. (2007). *A presença ignorada de Deus* (10ª ed.). (W.O. Schlupp & H.H. Reinhold, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Frankl, V.E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (25ª ed.). (W.O. Schlupp & C.C. Aveline, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Kung, H. (2004). Cristianismo. In *Religiões do mundo – em busca dos pontos comuns* (pp. 212-247). (C.A. Pereira, Trad.). Campinas, SP: Verus.
- Libânio, J.B. (2004). *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rogers, C.R. (2001). *Tornar-se pessoa* (5ª ed./3ª tiragem). (M.J. C. Ferreira & A. Lamparelli, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 25/02/2010. Aceito em: 27/05/2011.

Autores:

Henri Karam Amorim – Psicólogo, discente do curso de mestrado em Psicologia da PUC-Campinas e bolsista CAPES.
Mauro Martins AmatuZZi – Psicólogo, Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, docente do curso de Mestrado e Doutorado em Psicologia da PUC-Campinas.

Enviar correspondência para:

Henri Karam Amrorim
Rua Joaquim Veloso da Silva, 45 – Virgílio Basso
CEP 13.174-360, Sumaré, SP, Brasil
E-mail: hkaramorim@hotmail.com